

Carta ao leitor

Prezado(a) leitor(a),

Convidamos você a refletir criticamente sobre a interseção entre os letramentos no ensino superior e os desafios contemporâneos dos estudos sobre segurança pública. Este convite centra-se na possibilidade de pensar a formação universitária como um espaço atravessado por tensões constitutivas do campo. Uma dessas tensões, que inclusive poderíamos denominar como paradoxo, está no fato de que, por um lado, a universidade se constitui historicamente como reprodutora de práticas e normas que excluem sujeitos que não conseguem se adaptar ao seu *habitus* de estudos; por outro, é também um espaço com potencial para que emergjam experiências de resistência capazes de romper com essas exclusões, muitas vezes reinventando modos de ensinar, aprender e produzir conhecimento.

Ao adentrarmos os debates sobre os letramentos acadêmicos, compreendemos que eles não se limitam a habilidades técnicas, neutras ou universais. São práticas sociais situadas, marcadas por relações de poder, que tanto podem funcionar como dispositivos de exclusão, ao se ancorarem em convenções rígidas e códigos normativos descontextualizados, quanto como caminhos de emancipação, quando abrem espaço para a escuta das vozes historicamente marginalizadas. Essa ambiguidade se torna especialmente visível quando estudantes que atuam como agentes da segurança pública, como são os alunos do Tecnólogo em Segurança Pública da UFF, curso oferecido pelo consórcio CEDERJ, são convidados, por meio dos gêneros acadêmicos, a refletirem sobre suas práticas, saberes e trajetórias. Muitos deles se sentem confrontados pelas novas exigências da escrita universitária, mas é justamente nesse processo que encontram a possibilidade de reelaborar criticamente suas experiências, marcadas pela lógica do militarismo.

É nesse horizonte que se inscrevem as ações desenvolvidas no LABIAC, por meio de oficinas de produção textual e outras iniciativas colaborativas voltadas aos alunos do

curso de Tecnólogo em Segurança Pública, do qual nós, editores deste número, também fazemos parte. A experiência que compartilhamos ao longo deste número visa romper com a visão tradicional de que as dificuldades de escrita no ensino superior derivam unicamente de um “déficit” dos estudantes. Em vez disso, propomos compreender os letramentos como processos formativos em constante disputa, atravessados pelas realidades cotidianas dos sujeitos e por seus distintos repertórios linguísticos, culturais e profissionais.

A universidade, portanto, não é um espaço homogêneo. Ela se constitui por diferentes camadas de experiências, muitas vezes contraditórias, que revelam tanto suas fragilidades quanto suas potências. Este dossiê convida o(a) leitor(a) a pensar como práticas pedagógicas comprometidas com a escuta, o reconhecimento das diferenças e a valorização de saberes plurais podem ampliar as possibilidades de pertencimento e de formação crítica no ensino superior. Que esta leitura inspire novos encontros, inquietações e propostas que fortaleçam o vínculo entre universidade, letramento e cidadania.

Com estima

Johana Pardo